

## Legado de André Green: recordar, elaborar, assumir

Fernando Urribarri<sup>1</sup>

*Palavras pronunciadas no funeral de André Green, no dia 27 de Janeiro de 2012, na cidade de Paris, França.*

Faz poucos dias que perdemos André Green. Faz menos tempo ainda que me fora revelado seu desejo testamentário - escrito no ano de 2008 - de que nesta despedida tomasse eu a palavra, em terceiro e último lugar.

Com esse gesto foram-me legadas as tarefas de testemunhar sobre uma história compartilhada e assumir seu porvir.

“O afeto – disse ele – é um movimento em busca de uma forma». Pergunto-me: Como dar uma forma transmissível ao legado de uma relação de mais de vinte anos? Como traduzir nossos extensos e intensos diálogos neste breve e solitário discurso? Como dar testemunho da generosidade e coerência do seu fazer e pensar, em público e em privado, que outorgavam o fundamento ético e afetivo à sua obra? Como Santo Agostinho perante a questão do tempo: “Se ninguém me perguntar, eu sei; se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, quando me perguntam, já não sei.”

Para tentar sair do labirinto recorro à ajuda de J. L. Borges, um amigo em comum. Citá-lo-ei: “A amizade é a paixão que salva os argentinos”. Esse é o ponto de partida. A amizade como paixão cosmopolita. A improvável amizade entre um portenho, bisneto de bascos e judeus russos, filho do movimento psicanalítico argentino, com um judeu nascido no Cairo descendente de espanhóis e egípcios que decidiu seu desejo de ser um grande psicanalista francês. Uma paixão freudiana com sede em Paris. E pontes com Buenos Aires.

Quando digo paixão tenho certeza que todos nos lembramos dele. A mim me transporta a uma viagem de táxi percorrendo Buenos Aires juntos em 1996, por ocasião da sua segunda visita à Universidade de Buenos Aires que eu organizara, depois de uma magnífica, polêmica e vibrante conferência, na qual André exibiu toda sua capacidade oratória. Digo-lhe, então, de seu estilo no palco, que o imagino forjado na sua experiência com o grupo de teatro da Sorbonne. Com um olhar sério e tom cúmplice respondeu-me: “Meu estilo é a paixão pela verdade”.

1 Psicanalista da Associação Psicanalítica Argentina. Desde 2001 colaborou com André Green em seus diversos projetos e na elaboração de seus livros, desde *Orientações para uma psicanálise contemporânea* (2002) até seus dois últimos livros que serão publicados postumamente em 2012.

Ao escutá-lo no táxi fico contente de ter podido diligenciar o outorgamento do título de Professor Honorário<sup>2</sup> da Universidade de Buenos Aires. Ele está feliz, grato, orgulhoso. Confessa-me que nem tanto pelos vários “Prêmio Nobel” com os que comparte essa distinção, mas porque isso o aproxima um pouco mais, mais uma vez, de Borges. Esse amigo literário a quem, em duas oportunidades inesquecíveis, visitara em sua casa de Buenos Aires.

Amizades literárias, intelectuais, psicanalíticas. Amizades inspiradoras e entranháveis. Havia em André Green uma paixão pela amizade que marcou sua vida, sua obra, sua relação comigo.

Por acaso não fui o escolhido por ele para falar hoje perante vocês porque mais do que amigos fomos mestre e discípulo, e no fundo, talvez, como pai e filho? Isto é tão verdadeiro quanto o fato de que para entender o que estou dizendo deve-se evitar o lugar comum, conservador, que opõe as figuras do mestre e do pai à do amigo. Ao contrário, é preciso apreciar a consistência que há entre as ideias do André Green sobre o pai enquanto terceira figura (e terceirizante), com sua prática da análise, da transmissão e da amizade.

Evoquemos sua elucidação da função do pai marcada por suas teorias do trabalho do negativo e da terceiridade. Ou seja: do pai como motor da subjetivação, como origem do trabalho do negativo e fundamento da posição terceira do analista.

Ao lado do pai edípico (e poderíamos dizer também: antes e depois) Green postula outra figura do pai. Retoma o Freud da “Psicologia das massas” que propõe uma identificação primária com o pai admirado, tomado como modelo e não como rival. Sustenta que a relação com esse pai idealizado e inspirador é a origem da ideação, da simbolização, da sublimação, do pensamento. Esse pai motor de subjetivação é origem da alteridade: como abertura amistosa ao outro semelhante, mas também à relação consigo mesmo.

É esta figura terciária do pai a que dá suporte à posição transformadora do analista. Posto que o assunto fundamental é: de que é modelo o pai da identificação primária? A letra e o espírito da obra de André Green respondem que se trata de um modelo de autonomia subjetiva.

Advertimos que sua paixão pela verdade era também uma paixão pela alteridade. Ambas associam-se em uma espécie de princípio freudiano contemporâneo: a psicanálise é um projeto que apenas pode sustentar-se e impulsionar-se em uma paixão pela autonomia – inseparavelmente individual e coletiva.

Esses princípios foram assumidos na prática, dentro e fora do consultório, por André Green. Constatamo-lo no seu percurso intelectual, e especialmente a partir do que chamamos “a virada do ano 2000”. Desde o próprio título do livro que inaugura essa etapa: “Orientações para uma psicanálise contemporânea”. Seu autor se propõe a reescrever todas suas principais ideias no interior do projeto coletivo de uma renovação pluralista da psicanálise, que

2 N.T. “Doutor Honoris Causa”

procura superar a crise dos modelos pós-freudianos dogmáticos. O projeto de uma psicanálise contemporânea da sua própria prática, estendida e transformada; assim como contemporânea do mais avançado saber do seu tempo.

Vocês sabem: André Green se lança nesse projeto no momento mesmo em que está sendo consagrado como o mais reconhecido dos autores da comunidade psicanalítica internacional. Isto é, em vez da sua própria teoria e seu nome próprio, prioriza a construção de um novo paradigma freudiano, aberto, hiper-complexo, especificamente contemporâneo. Um novo programa de investigação clínico-teórico no interior do qual suas próprias ideias possam intervir e promover um diálogo pluralista, um pensamento crítico e criativo.

Não acredito que tenhamos mensurado ainda a transcendência histórica (ao mesmo tempo ética e epistemológica) dessa inédita posição freudiana pluralista construída por André Green. Possivelmente é o primeiro Grande Autor da história da psicanálise que milita contra o estabelecimento de uma corrente militante, de um enésimo discurso dogmático, identificado com seu nome.

Quase poderíamos dizer que, reconhecamos ou não, graças a ele todos nos tornamos (ou poderemos nos tornar) psicanalistas contemporâneos. Já que transitamos no campo que ele tem mapeado como ninguém, enfrentando os problemas que ele tem esclarecido e nomeado. Sua obra é uma bússola que indica o futuro da psicanálise.

Tendo colaborado com André Green em cada um dos seus principais livros e projetos dos últimos dez anos, tive a oportunidade de experimentar na intimidade seu comprometimento com a verdade e sua comovedora abertura ao outro. Desde seu convite para ajudá-lo na preparação das “Orientações” (2001) compartilhando uma semana juntos, gravando nossas conversas para depois elaborá-las e reescrevê-las como um livro. Até o ano passado, quando encaramos o trabalho de selecionar e discutir seus artigos inéditos para compilar os dois volumes que serão publicados em breve. Passando, claro, por seus convites para escrever o Posfácio de “Ilusões e desilusões” (2010), e o Prefácio de “Do signo ao discurso” (2011). Em cada oportunidade perguntei-lhe qual era sua expectativa, o que ele gostaria que eu aportasse ou priorizasse quanto à forma ou conteúdo. Em cada oportunidade deu-me a mesma resposta: “Meu querido Fernando, é a sua vez de fazê-lo”.

Hoje, mais do que nunca, me parece necessário compartilhar essa experiência. Queridos amigos e colegas de André Green, agora é a nossa vez de fazê-lo. É a nossa vez de recordar, elaborar e assumir. É a nossa vez de tornar seu fecundo legado em pensamento vivo.

Tradução: Abigail Betbedé

Revisão: Beatriz Helena Peres Stucchi e Suzana Kiefer Kruchin

Fernando Urribarri

Av. Callao 1960, 4º

1021-Recoleta, Buenos Aires

zonaerogena@yahoo.com